

## Uma cidade *démodé*

O cinema como propulsor da modernização da capital baiana

RUTE ANDRADE CASTRO\*

Diante da chegada da República, a população e os governantes passaram a preocupar-se com a nova face que o país deveria assumir dentro desta nova realidade. Em Salvador, no início do século XX, muitas reformas foram empreendidas através de obras e projetos que objetivavam dar à cidade um aspecto salubre, moderno e bonito, torná-la “civilizada”, não só nos hábitos e costumes, mas também através de reformas materiais, obras de saneamento etc. O desejo das elites, principalmente de muitos jornalistas e governantes, era viver e falar de Salvador como um centro moderno e não mais como um local “atrasado” em relação às várias outras capitais, por esse motivo não faltou entusiasmo para pôr em prática as modificações necessárias.

Criticando as péssimas condições de salubridade e higiene das cidades brasileiras, agravadas pelo crescimento demográfico do período, higienistas, sanitaristas e médicos, principalmente, encabeçaram um verdadeiro movimento em favor de reformas urbanas urgentes porque este estado de coisas, segundo eles, favorecia epidemias e prejudicava a imagem do Brasil no exterior. O combate aos “maus costumes” também fazia parte de uma política do Estado Brasileiro que desde o início do século XX punha em pauta a normatização e disciplinarização da sociedade. Houve aqui então a tentativa de enfraquecer a tão forte herança africana, substituindo-as por valores europeus (tidos como modelo de civilidade), combatendo-se por isso festas e manifestações populares diversas, inclusive as feiras.

Rinaldo Leite (1996), afirma que cada cidade brasileira viveu a modernidade da forma que lhe era possível, pois a modernização de cada uma delas dependia de diversos fatores: econômicos, políticos, sociais, culturais etc. Mas, de qualquer modo, pretendia-se reformas ou construções de edificações que obedecessem a um estilo moderno, em substituição aos antigos casarões coloniais que caracterizavam a cidade. Num artigo de Artes & Artistas sobre a construção do Teatro São Jerônimo pode-se

---

\* Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, UNEB e Tutora a distância do curso EAD de História, UNEB.

perceber em que consistiam essas reformas, associadas ao novo hábito do *cinemathógrapho*:

A Bahia tem mais uma casa de diversões. Para uma cidade que materialmente se moderniza, aumentando progressivamente o seu valor e fôros de grande centro, que o é indiscutivelmente, tal acontecimento merece reparo especial, por isso que demonstra mais uma fonte onde o povo poderá beber sabias lições de educação e conhecimentos (grifo nosso).

A inauguração do prédio que a benemerita Associação das Senhoras de Caridade, fez construir para installar o novo cine-theatro S. Jeronymo á rua do Arcebispo, vale por uma nota memoravel, ephemeride eloquente na vida theatral do Paiz, por isso que, construido sob as regras modernas, é ainda o primeiro cinematographo chistão que se levanta no Brasil. (Artes & Artistas, 1923)

A busca por essas reformas, como se pode perceber no trecho sublinhado, não era dissociada da utilização que seria dada aos prédios pois deveriam ser edificações modernas, utilizadas para fins considerados educados e cultos, associados portanto à civilização que, acreditavam alguns, andaria de mãos dadas com a modernidade. Essas preocupações com o espaço público estava relacionada ao novo hábito de frequentar as ruas, de passear, inclusive à noite. Desse modo, os espaços deveriam ser bem iluminados e “europeizados”, como o mostrado na imagem abaixo, retirada de um dos principais locais frequentados pelas elites da época, localizada onde hoje é uma das mais movimentadas avenidas do centro histórico de Salvador.



Figura 1: “Os trilhos do bonde se iluminam sob a luz elétrica, em frente ao Palácio do Governo, no início do século XX”. FONTE: SAMPAIO, Consuelo Novais. **50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX**. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2005. p. 254.

Surgiu então, em 1920 (com números semanais até 1924), uma revista que se preocupava com tais questões e pretendia “atuar” através da divulgação dos ideais de modernidade que então permeavam a sociedade soteropolitana, *Artes & Artistas*. Fez isso publicando artigos que versavam sobre mudanças na sociedade soteropolitana, enredo de filmes, críticas à falta de lazer na cidade, notícias sobre as artes e o teatro e biografias de diversos artistas de cinema. Os ideais de modernidade e civilização por ela divulgados, porém, contrapunham-se a alguns aspectos da realidade social, onde prevalecia um baixo poder aquisitivo, população densa, casas inadequadamente construídas, surtos epidêmicos, falta de esgoto e higiene.

Antes de continuar, são necessárias as definições de alguns conceitos chave, tais como “modernidade/modernização” e “civilização”, sob a ótica de estudiosos do assunto. No caso do termo “modernização”, podemos afirmar que é sinônimo de atualização, progresso, ou seja, trazer algo para a época atual, ajustar-se aos fatos e necessidades que a realidade apresenta. Pode-se aqui citar Sidney Challoub (1986), estudioso da História Social o qual, referindo-se ao Rio de Janeiro naquele período, diz que realizar o progresso significava simplesmente acompanhar os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia. À palavra economia poder-se-ia acrescentar cultura, pois a subserviência não se limitou a esta primeira.

Os “novos tempos”, modernos, seriam marcados por uma renovação contínua, por um rompimento com o passado. Habermas (1990), citando Weber, relaciona a modernidade ao que foi chamado por ele de racionalismo ocidental, caracterizado pelo processo de desintegração das concepções religiosas do mundo, que gerou na Europa uma cultura profana, moderna, racional, que rompia com as “formas de vida tradicionais”. As sociedades modernas são marcadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes, que é a sua principal diferença em relação às tradicionais (GIDDENS, 1991).

Wlamyra Albuquerque (1987) fala em sua dissertação do quanto os letrados da Primeira República ficavam perplexos diante da arquitetura e dos hábitos da população baiana, sempre relacionados ao passado que se desejava superar. Os membros do IGHBa tinham fé (a palavra é exatamente esta, pois acreditavam em algo que de fato não viam) num futuro onde os padrões de “civilidade” e “modernidade” almejados triunfariam. Para este futuro glorioso chegar, porém, dever-se-ia promover a vinda de

imigrantes europeus pois o obstáculo à civilização seria a mistura de “raças degeneradas”, ou seja, negros, índios e mestiços, que eram os tipos preponderantes na Bahia. A chegada dos europeus, com seus hábitos, cultura e valores “louváveis”, pelo simples fato de serem referentes à “raça branca”, seriam capazes de dar à Bahia um aspecto mais próximo do sonhado pelas elites (ALBUQUERQUE, 1987)

Isso acontecia porque, como boa parte das práticas tidas como incivilizadas, condenáveis ou retrogradadas tinham, de forma direta ou indireta, origem nas tradições africanas, foi buscado um modelo supostamente oposto a este, branco, ocidental, europeu enfim.

Sílio Boccanera, apesar de reconhecer a existência de “melhoramentos” na cidade, chama atenção para os “maus costumes” ainda muito presentes entre a população:

*Tivemos esse melhoramento, não há dúvida, de ordem material e moral, mas é triste o registrarmos, também, em seguida, só para vergonha do responsável, ou responsáveis, pela nossa policia de costumes, que toda essa nova e elegante balustrada, ainda de hontem, guarnecendo artisticamente uma das principais praças desta cidade, onde estão levantados dois teatros, que funcionam todas as noites, serve atualmente de MICTÓRIO PÚBLICO (!!!), impedindo, portanto, o transito das familias e pessoas decentes, pelo passeio, largo e extenso, que margeia a mesma balustrada, já todo imundo e tresandando de ácido úrico. E isso (proh pudor!) em uma cidade que se diz civilizada! Na capital de um dos principais estados da República!*

*Pobre Bahia! Tão bem nascida mas tão mal fadada!* (BOCANERA JUNIOR, 1921: pág. 25)

Ao mesmo tempo em que faz referência ao impedimento que aquele ato anti-higiênico trazia para as “famílias e pessoas descentes”, que agora cultivavam o hábito de “passear” - divertimento que a permanência deste tipo de atitude dificultava e às vezes tornava até inviável - menciona um passado louvável, um bom nascimento que já não valia muita coisa frente àquele triste presente, apesar de se tratar de “uma cidade que se diz civilizada”. Quando atendia aos objetivos de quem escrevia, o passado baiano é sempre evocado como glorioso e um teor nostálgico é dado ao texto mas, nas outras vezes em que se via justo o contrário, a modernidade deveria vir com toda força para

livrar a Bahia de um histórico aquém das expectativas. O sentimento de parte da população era que se via muitos andaimes, picaretas etc., mas pouco de fato estava sendo feito para mudar a fisionomia da cidade e, principalmente, pouco ou nada mudou nos hábitos da maior parte da população entre o final do século XIX e o início do XX (ALBUQUERQUE, 1987).

Mas existia uma questão: as mudanças utilizavam como padrão os ideais norte americanos e europeus, o que era questionado por alguns que não repeliam a modernidade em si, mas a supervalorização de tudo o que “vinha de fora”, em detrimento das tradições locais. Os próprios contemporâneos não cessavam de chamar a atenção para o hábito de copiar e louvar o que era estrangeiro e, falando da nova forma de se comemorar o Natal, a Revista Artes & Artistas oferece um bom exemplo:

Foram-se os tempos das loas ao Deus menino, dos Bailes Pastoris.

Hoje a ‘Arvore do Natal’ e o ‘Papa Noel’ peçados de brinquedos, de luzes, de arjofres e flocos de neves, substituíram as nossas tradicções.

Ao badalar dos sinos já não se enchem as igrejas de fieis para assistir á ‘missa do galo’; rarearam-se os presepes, as cantarolas infantis desapareceram... hoje o Natal vê-se no cinema, com todos os seus quadros... (Artes & Artistas, 1920: n 11)

Isso era feito em nome das tentativas de alcance da modernidade e da civilização, que eram dissociadas de tudo que lembrasse as tradições locais. Simplesmente se ignorava a História das cidades e não se admitia qualquer vestígio do seu passado. Fisicamente, isso se manifestava através de sucessivas demolições de muitas edificações que se julgava dificultar o surgimento de novas construções de acordo com a arquitetura moderna. Nada poderia impedir o progresso, nem mesmo a preservação da História. Isso acontecia devido ao fato de se ter nos melhoramentos físicos um instrumento didático que estimularia e incentivaria na população a mudança em seus velhos hábitos, pois perceberia que estes destoavam da bela e moderna aparência arquitetônica da cidade, em oposição aos costumes “arcaicos” e “incivilizados” que faziam parte do seu cotidiano. A partir da convivência com edificações de tendências européias, a população talvez se “europeizasse”...

As reformas urbanísticas podiam não ser numerosas como desejavam as elites, mas o que provavelmente mais as incomodava eram tais costumes, pois faziam com que a Bahia continuasse antiga, atrasada e adiasse sua “entrada na civilização”. Intelectuais e políticos ligados à nova ordem republicana incorporaram e discutiam idéias como pátria, cidadania, progresso e civilização na mesma proporção em que se empenhavam em disciplinar hábitos e comportamentos urbanos, tentando tirar da população práticas como as batucadas, os sambas de roda, a frequência às sujas feiras, dentre outras. O controle dos hábitos da população estava encaixado no mesmo projeto higienizador que a princípio se voltou mais para as questões físicas (infra-estrutura, habitação etc.) da cidade (LEITE, 1996). Comportamentos individuais, familiares e coletivos passaram a sofrer interferência dos “reformadores”. A mendicância, os cultos não encaixados devidamente nos padrões cristãos estabelecidos e as manifestações populares se tornaram grandes alvos das elites.

A construção desses novos hábitos se estendia até o que ficou sendo denominado “diversões” (conceito bastante novo na época). Nicolau Sevcenko (1992) fala desses novos hábitos em São Paulo, e de como foram sendo estimulados e incorporados ao cotidiano da população como os esportes, as danças, o cinema, as confeitarias etc. Mas, se muitos desses hábitos já existiam antes da década de 20, onde está a novidade? No fato de que passaram a ser parte indispensável de uma nova identidade e estilo de vida em formação. Os adeptos desse processo passam a ser chamados de “jovens”, termo que por si só passa a dar prestígio aos assim denominados e pode ser associado ao “novo”, à juventude que a modernidade representava. “Por traz(sic) disso tudo a filosofia é: ser jovem, desportista, vestir-se e saber os ritmos da moda é ser ‘moderno’, a consagração máxima. O resto é decrepitude, impotência, passadismo e tem os dias contados.” (SEVCENCKO, 1996: pág. 34).

No que diz respeito ao cinema, que estava ganhando cada vez mais espaço na sociedade por ser um “divulgador” dos novos hábitos, além dessas questões havia ainda a empolgação que o novo jeito de representar nos filmes despertava nos jovens.:

O cinematographo continua atrahindo para as suas redes todas as atenções. Pergunta-se a uma criança, que mal se utiliza ainda do uso da razão, qual a carreira que pretende seguir, e a resposta será: ‘Quero ser uma estrella de cinema’. (...)

Não ha publicação que não dedique grande parte de seu espaço ao assumpto cinematographico. (*Artes & Artistas*, 1923: n 82)

Essa parecia ser uma tendência predominante pelo menos nas sociedades ocidentais, encabeçadas pelos EUA. Claro que na Bahia isto não era tão forte, mas já se esboçava. A Revista *Artes & Artistas* trata desses aspectos, demonstrando uma das conseqüências da chamada cultura de massa que então tomava corpo nas sociedades modernas através, do cinema, dentre outros instrumentos, que divulgava muitas práticas modernas e/ou civilizadas.

Cinema, industrialização, modernidade, urbanização, civilização, higienização, preocupação com a imagem externa do país etc. foram idéias que andaram juntas neste período. Nicolau Sevcenko dá a noção exata da interligação entre esses elementos presentes na sociedade moderna ao dizer:

O cinema, assim como os bondes e os estádios, alinha multidões de estranhos enfileirados ombro a ombro num arranjo tão fortuito e normativo como a linha de montagem. Os bondes, contudo, lhes dão mobilidade, os estádios estímulos, os cinemas fantasias e as linhas de montagem subsistência. Assim, o ser anônimo só se preenche de sentidos quando se articula com seus equivalentes. (SEVCENCKO, 1992: 95)

Ainda na introdução do seu livro, Maria Odila Leite da Silva Dias faz referência à metáfora da dança cósmica de Nietzsche, a qual leva ao questionamento das “idéias herdadas e valores fixos”, chamando atenção para a “historicidade do sujeito e a temporalidade das verdades tidas como perenes”. Isso está relacionado às rupturas com o “passado arcaico” buscadas pelos homens e mulheres no final do século XIX e início do XX, quando se buscava o rompimento com muitos dos costumes, hábitos e idéias das antigas gerações. Ele fala neste livro de um processo mundial de desenraizamento do homem moderno.

A respeito da relação cinema – indústria – modernidade – progresso, vale a pena citar Walter Benjamin, intelectual da Escola de Frankfurt, comentando a existência de uma espécie de função social do cinema na nova sociedade que então surgia em diversas partes do mundo:

(...) é diante de um aparelho que a esmagadora maioria dos cidadãos precisa alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia de trabalho. À noite, as mesmas massas enchem os cinemas para assistirem à vingança que o intérprete executa em nome delas (...). (BENJAMIM, 1994: pág. 179)

Ele fala do cinema como lugar de evasão de tensões e repressões impostas pela sociedade civilizada. O indivíduo encontra-se tão distraído na frente da tela que se torna extremamente receptivo aos estímulos e informações oferecidas pelo cinema, ou melhor, por aqueles que o dirigem, cujos interesses eram determinados por pessoas interessadas na formação de um proletariado, com características e personalidades apropriadas à crescente e promissora sociedade industrial. Essas novas tecnologias e formas de lazer seriam então espécies de válvula de escape por onde os trabalhadores poderiam se divertir e se manifestar “pacificamente”.

É possível atribuir a cultura de massa ao desenvolvimento, progresso e modernização das metrópoles por se tratar de uma produção cultural destinada aos grandes grupos de consumidores, simples e inteligível a uma maioria sem formação intelectual tradicional apurada, com objetivos claros e definidos: modificar alguns hábitos de comportamento e conservar outros, de acordo com interesses específicos.

A participação do cinema americano nesse processo foi primordial, pois, com uma indústria forte - sempre aberto a inovações tecnológicas, propondo diversão e entretenimento ao invés de considerações estéticas ou filosóficas, num ritmo narrativo sintético e veloz - este cinema se tornou a “fábrica de ilusões” preferida do século XX. Encontra-se em *Artes & Artistas* um artigo que trata justamente deste sucesso norte-americano e do engajamento dele nesta sociedade, onde adquire usos inusitados, como para “acalmar” condenados, além de ser usado como fonte de informações variadas para este povo “sem tempo para estudos”:

Não ha paiz no mundo, pode-se affirmar, em que a arte cinematographica esteja mais desenvolvida que nos Estados Unidos da America.

Já são do dominio do publico estrangeiro as sommas fabulosas que as companhias do genero dispendem na construcção de scenarios, e com os salarios exorbitantes exigidos pelas ‘estrellas da tella’, que se vão tornando proprietarias das corporações a que servem. (*Artes & Artistas*, 1923: n 82)



As “sommas fabulosas” às quais este texto se refere podem ser um sinal do quanto já naquela época o cinema era um investimento com retorno garantido, caso contrário as corporações jamais se disporiam a pagar “salários exorbitantes” ou montar ótimos cenários. Isso era possível porque uma única fita poderia ser copiada e vista por milhões de pessoas em todo o mundo, multiplicando os lucros das empresas responsáveis pela “indústria do entretenimento”. Mas, segundo Benjamin (1994), isso teria um preço. Ele fala sobre a destruição da cultura tradicional pelo processo de reprodução da obra de arte, atrofiando assim sua “aura”, tendo esse fenômeno como um dos mais importantes agentes o cinema. Por outro lado, porém, contribui para a renovação da humanidade, à partir do momento em que possibilita ao espectador o encontro com a obra.

A destruição da aura teria como causas a crescente difusão e intensidade dos movimentos de massa e a tendência moderna de aproximar os fatos (e as obras de arte) das massas, pela reprodução da imagem do objeto. A cultura de massa passou então a estar ligada quase exclusivamente ao divertimento e ao controle social da população a partir do momento que, com a ampla divulgação propiciada pela “reprodutibilidade técnica”, podia-se fazer chegar às massas quaisquer mensagens com uma rapidez e eficiência admiráveis. E o artigo continua:

E' o cinematographo o divertimento predilecto desta gente. Ainda mais, elle é a escola. Esta arte chegou a um tal ponto neste paiz, que o novo em geral conhece o mundo geographico, politico e commercial, só atraves das projecções luminosas. Aborda-se qualquer assumpto na conversação, e logo se ouve: 'Eu vi isso no cinema'. O paiz que tiver interesse no commercio dos Estados Unidos não pode deixar de ser censurado si não fizer conhecer por intermedio do cinematographico de que se serve este povo, que não tem tempo para estudos, para conhecer e divertir-se ao mesmo tempo.

As applicações da cinematographia vã-se apparecendo a cada momento em todos os terrenos. A exhibição de films tem sido usada aqui até na penitenciaria 'Sing-Sing', em vesperas de execução, para acalmar os nervos e os animos dos condemnados á cadeira electrica. (Artes & Artistas, 1923: n 82)

Mesmo que com certo exagero, o artigo mostra uma crescente tendência de participação do cinema em diversos setores da vida social, bem como suas mais variadas utilidades, por estar inserido em um processo muito mais amplo de “difusão da

modernidade” e dos “novos tempos”. *Artes & Artistas* é uma revista muito rica e a sua importância se dá por sinalizar variados aspectos da sociedade sotropolitana num contexto muito mais amplo, mundial, de mudanças, lentas é verdade, mas existentes e por isso dignas de análise e estudos, apesar do relativo atraso da Bahia e das suas obras de modernização. Tanto os trabalhos aqui citados quanto a Revista *Artes & Artistas* tratam disso e, no caso desta última, de forma bastante clara quando fala do lazer e da vida boêmia, criticando sempre o atraso baiano em relação aos ideais de sociedade buscados pela elite. A chegada do cinema na Bahia coincide com todo um discurso sobre a falta de diversões mais adequadas a uma capital que se queria moderna e civilizada. Naquele momento a sétima arte foi vista como um instrumento capaz de “educar” a população, dotando-a de hábitos mais condizentes com os anseios das elites, vista por alguns como sendo quase instituição educativa.

#### REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O civismo festivo dos baianos: Comemorações da independência, 1889-1923*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1987.
- Artes & Artistas. Salvador, números 1 a 154, de outubro de 1920 a fevereiro de 1924.
- Artes & Artistas. Salvador, n 155, março de 1924.
- Artes & Artistas. Salvador, n 156, julho de 1924.
- Artes & Artistas. Salvador, n 157, novembro de 1926.
- BOCANERA Junior, Sílio. *Bahia Histórica – 1549 a 1920*. Typ. Bahiana. 1921.
- CHALLHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DE CICCO, Cláudio. *Hollywood na cultura brasileira*. São Paulo. Convívio, 1979.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1994.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *Fazendo Fita: Cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA. Centro de Estudos Bahianos, 2002.
- GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- LEITE, Rinaldo C. N. *E a Bahia civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, 1912-1916*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole: São Paulo – Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.